

'The Economist' elogia plano

■ Revista cita os investimentos das multinacionais

NELSON FRANCO JOBIM
Correspondente

LONDRES — Ao fazer um balanço positivo sobre o primeiro ano do Real, sob o título *Feliz aniversário*, a revista inglesa *The Economist*, na sua edição que começou a circular ontem, informa que a nova moeda brasileira realmente merece parabéns. Mas, advertiu que há vários problemas pela frente, ainda que alguns decorrentes do seu sucesso, como o aumento do consumo e o risco inflacionário que isto provoca.

"Pouco tempo atrás, uma moeda brasileira com um ano já estava velha, indo para a aposentadoria", observa a revista, acrescentando que cinco moedas, cerca de uma dúzia de ministros da Fazenda, 27 planos de austeridade e 59 medidas de controles de preços passaram pela economia desde 1979.

Para atestar o sucesso do Real, *The Economist* cita planos de 12 multinacionais para investir US\$ 8 bilhões no Brasil até o ano 2000, a criação de meio milhão de empregos, a queda do desemprego ao nível mais baixo em uma década, a

redução do preço da cesta básica e a queda da inflação de quatro dígitos para "menos de 30% ao ano".

Depois de dizer que "todos, menos algumas vozes dissonantes, concordam que o primeiro ano do Real foi um grande sucesso, como o crescimento do PIB em 10,4% no primeiro trimestre deste ano.

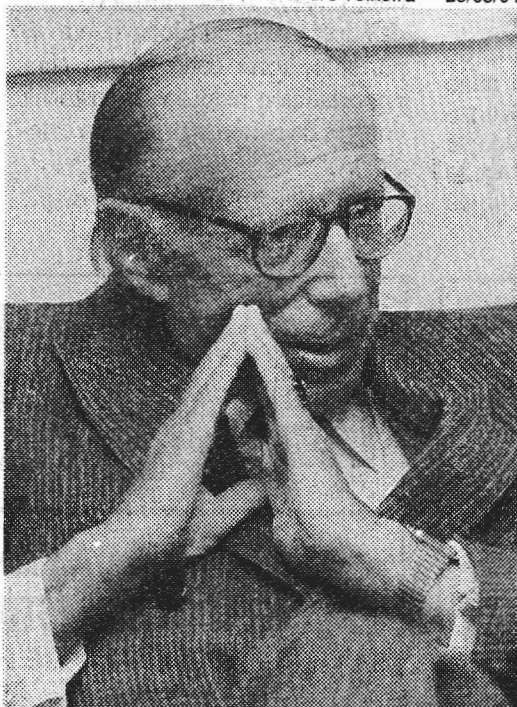
Com a moeda valorizada e a abertura às exportações, a ba-

lança comercial, "há longo tempo positiva", apresenta há sete meses déficits de US\$ 500 milhões a US\$ 1 bilhão por mês. Embora o governo fale em saldo positivo no final do ano, o mercado não acredita nisso e nem o próprio governo, comenta *The Economist*, a julgar pelas medidas de contenção do consumo e das importações adotadas recentemente. O deputado Roberto

Campos (PPR-RJ) prevê que, "se não tiver superávit até o início do próximo ano, o Brasil será um novo México".

The Economist é mais otimista. Acha que o governo obteve grandes e, na sua opinião, inesperadas vitórias na reforma constitucional para abrir os setores de petróleo, mineração, eletricidade e comunicações aos investimentos privados e estrangeiros. Mas admite que ainda há necessidade de reformas na área fiscal e na Previdência.

Evandro Teixeira — 25/08/94



Campos: sem superávit, país vira México